

5 Conclusão

À guisa de conclusão perceber-se-á que o coração da crítica do neo-atéismo repousa numa insurgente postura contrária a dois tipos principais de fenômenos crescentes em nossa realidade atual. O primeiro deles seria o recrudescimento da intolerância e do fundamentalismo religioso. O segundo acontecimento seria a defesa da dignidade humana, e dos valores iluministas, tais como: autonomia, cientificidade, racionalidade e laicidade.

Poderíamos fazer uma equivalência, de que à volta da crítica atéia, quer novamente retomar o ideal da divulgação e defesa de um autêntico humanismo. Nas páginas de seu livro percebe-se, a princípio em Richard Dawkins, uma atitude de animosidade e fechamento ao diálogo com as religiões, em destaque com os três grandes monoteísmos, o que não é falso. Deve-se reconhecer que no campo da biologia evolutiva Dawkins desenvolve uma análise consistente e fundamentada, porém, quando este faz a aplicação de suas teorias no campo da teologia percebe-se, em suas análises, muitos equívocos e visões parciais. Tanto no debate sobre a existência de Deus quanto na validade ou não da presença das religiões no mundo, parece-nos aqui, que o pano de fundo de sua crítica fica explícito quando confrontado com uma sólida reflexão teológica. O papel do pensamento do teólogo Queiruga ajuda neste propósito, de que existe um campo propício para o diálogo e a colaboração entre ateus e crentes, e este revela-se na defesa da dignidade do ser humano e na verdadeira revelação da face do Deus-Abbá apresentada por Jesus. Assim, não são todas as traduções da religião que buscam a intolerância e o fanatismo, muitos grupos de pessoas religiosas querem fazer da lucidez e da coexistência o fiel da balança.

Então qual seria a pedra de toque para o diálogo entre novos ateus e religiosos? Em que seria possível esse diálogo? Podemos afirmar, como já foi refletido nesta dissertação, que a preocupação central é com o ser humano ou, melhor dizendo, com o legítimo humanismo.

O primado defendido pelo zoólogo queniano é também afirmado pelo filósofo André Comte-Sponville, em seu livro “*O Espírito do Ateísmo*”. O filósofo francês identifica duas fortes posturas que marcam hoje a crise da modernidade,

uma marcada pelo sofisma e outra pelo niilismo. A defesa do humanismo ateu, assim como do autêntico projeto cristão, deve afastar-se de tais posturas.

O caminho do humanismo é a senda do amor ao ser humano, aos seus valores, à ordem social, à edificação da solidariedade cidadã e ao respeito à pluralidade. A defesa de valores como respeito à liberdade, aos direitos humanos, à educação e ao bem-comum, são ideais partilhados tanto por um grupo social quanto por outro. Este projeto humanista, desde muito tempo, apresenta-se como o caminho comum entre crentes e não-crentes.

Para Dawkins, a lacuna que o vazio de Deus e da religião ocasionariam, caso a sociedade se tornasse majoritariamente ateu, poderia ser preenchida com valores do humanismo. Comte-Sponville já nos faz perceber que independente de ser crente ou não os valores humanistas deveriam estar presentes no pensar e no agir da sociedade como um todo. Este ideal deve mover os seres humanos ao diálogo e a construção de um bem-comum. Esta questão comum do diálogo será ressaltada constantemente pela teologia cristã atual. Neste ponto há uma aproximação singular com a visão teológica de Andrés Torres Queiruga. Se o diálogo é possível, tal realidade acontece na disposição e na abertura para o amor e para a verdade. André Comte-Sponville sinaliza este caminho como essencial para que o ser humano esteja unido ao seu semelhante em torno de uma espiritualidade do encontro e da fidelidade. Dawkins não fala explicitamente em pontos de diálogo entre religião e ateísmo. Todavia, o fechamento de seu livro apresenta algumas tímidas possibilidades de colaboração respeitosa entre a vertente do pensamento neo-ateu e os que professam a religião.

Assim, o ressurgimento da incredulidade nos dias atuais sinaliza para a teologia o grande desafio de como narrar a fé em Deus e nomeá-lo positivamente para o ser humano. A fé que promove a verdadeira humanização é o caminho do diálogo. O ateísmo que percebe-se em colaboração solidária com uma autêntica e amadurecida crença é também construtor deste caminho. Este pressuposto foi o que se pretendeu desenvolver nesta dissertação.